

EXPEDIENTE

COLABORADORES:

Bia Varanis, Bruna Brandão, Cristiano Bastos, Cynthia Franco, Diego Andrés León Blanco, Ediane Hirle, Enderson Oliveira, Felipe Hickmann, Guilherme Cardim, Jade Alcântara Lôbo, Ju Hickmann, Larissa Mehl, Liebert Rodrigues, Maicon Rodrigo Rugeri, Maria Izabel Machado, Manuela Makhoul, Mayara Ferrão, Michele Dacas, Michele Torinelli, Nicollas Cayann, Pedro Henrique Farina Soares, Romain Corman, Sílvia Collodel, Sonja Elena Gandert, Thomaz da Costa Farias

EQUIPE:

Editora: Michele Dacas

Assistência Editorial: Sigrid Beatriz Varanis Ortega
Ediane Hirle

Diagramação: Anitta Delvalle

Diana Canales

Franciani Pires

Francieli Padilha

Revisão Espanhol: Silvana Mamani

Revisão Português: Jaqueline Bohn Couto

Capa e Contracapa: Grafite realizado por Mônica Miros, durante o encontro de 2017 Casa Tomada, na casa da América Latina, em Cuba.

Expediente e Editorial: foto de Romain Corman

Índice: foto de Michele Dacas

REALIZAÇÃO:

Secom, Proex, Edunila, Programa Mais Cultura nas Universidades

EDITORIAL

Nossos passos começaram lá em 2011, com a criação de um projeto de extensão que passou a ser desenvolvido na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e agora completa sete anos de existência. O objetivo inicial da Peabiru era divulgar a interculturalidade que víamos brotar cotidianamente nos corredores de uma universidade com missão internacional e integracionista, como a UNILA. Mas à medida que caminhávamos, nossos passos nos levavam à profundidade da cultura latino-americana e fronteiriça. No processo de produção da revista multimídia, colaborativa e intercultural, aprendemos muito mais sobre nossa cultura do que pretendíamos transmitir. As capas, as páginas, os editoriais ao longo dos anos são provas dessa profundidade e reconhecimento. A cultura, que inicialmente circulou na revista como manifestação e expressividade artística, em pouco tempo lançou-se a uma corrente muito mais antropológica, histórica e sociológica, firmando-se pela identidade de um povo e como um espaço de luta e estratégia para resistir.

A partir dos avanços das edições, também encontrávamos o lugar-comum sobre a nossa cultura latino-americana, o seu ponto de convergência: a resistência. Um saber que ilustra a capa e a contracapa desta edição, com o grafite de duas mulheres latino-americanas e com a frase “Nuestra cultura es resistencia” – trabalho este que foi trazido até nós pela artista peruana Mônica Miros, durante a nossa participação no evento Casa Tomada, na Casa

das Américas, em Cuba. Essa capa ilustra o eixo de nosso processo produtivo, a colaboração, as múltiplas autorias que desenharam nosso escopo editorial a cada edição; e delas surgiram matérias, imagens, ilustrações sobre tradições, costumes, linguagens, arte, modos de vida de povos indígenas, de mulheres, de comunidades étnico-raciais diversas. Foram pessoas da Universidade, da comunidade da fronteira, do Brasil inteiro e de vários países da América Latina que ocuparam a revista como um espaço de visibilidade.

Em 2018, infelizmente, o projeto chega ao fim. As integrantes da equipe seguirão seus caminhos em novas jornadas, levando consigo toda a vivência e as referências proporcionadas pelos anos construindo a Peabiru. As matérias que irão encontrar aqui neste último editorial da Peabiru demonstram um pouco de tudo o que fomos e o que descobrimos em nosso deslocamento pela cultura latino-americana. E trarão um pouco de nossa participação no evento Casa Tomada, realizado em Havana, no espaço Casa das Américas.. Os textos trazem um pouco do encontro dessa equipe com a ilha Cubana e o imaginário de tantos outros jovens criadores de cultura latino-americanos que circularam por lá, junto com os ventos de setembro de 2017. Uma boa caminhada a todos e...

>>>> DESOLOQUEM-SE!



ÍNDICE

05	Resistência e existência na Tekoa Arandu	O fandango caiçara do Paraná	37
11	Ensaio sobre a Nova Tropicália: o funk carioca como literatura engajada	Furacão Irma em Cuba	39
13	Arquitetura como manifestação de memória viva do Peabiru	Mulheres, tecidos e tranças	43
17	Yes, we are mexican	Creaciones en intersección: una reflexión sobre casa tomada 2017, seis meses más tarde	45
19	Música e identidades: El reggaetón contemporáneo de los Ticuna en la Amazonía	Virando o mapa e o mundo de cabeça para baixo	49
21	O Que significa América Latina para os latino-americanos? Latinoamérica desde adentro e a construção de um Peabiru latino-americano	Cuba: dos avanços sociais a atualização econômica	51
25	Psicodelia nordestina	Cataratas: A lenda em gravura	57
29	América Latina: um substantivo em construção	Tramas urbanas de fronteira e o olhar de fotógrafo	59
33	"Por muito tempo na História, "anônimo" era uma mulher"	Por que Peabiru: da publicação à mediação cultural latino-americana no e para além do território da fronteira trinacional	61

RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA

NA Tekoa Arandu

Fiquei sabendo das pasantías, as vivências estudantis em organizações camponesas da Argentina, por uma amiga que estuda na Escola Latino Americana de Agroecologia, iniciativa da Via Campesina no Paraná, sul do Brasil. Fui com mais de 50 estudantes num ônibus desde Buenos Aires rumo ao norte argentino até San Pedro, onde fomos recebidos pela COTRUM (Coordenadoria dos Trabalhadores Rurais de Misiones).

Há onze anos, nas férias estudantis de verão, participei de uma vivência parecida no Brasil – o EIV (Estágio Interdisciplinar de Vivência). Foi um divisor de águas, o contato com uma realidade que, sem eu saber, era também minha. Vislumbrou-se um sentido para além dos estudos universitários, também foi minha iniciação na vida de viajante, esses saltos no escuro que permitem conhecer e desconstruir tanta coisa. Mais uma vez viajo, agora para conhecer a realidade do movimento camponês num outro país, e que inesperadamente aprofundou uma conexão que tem dado sentido ao meu caminhar: a cultura Guarani.

CHEGADA

Tivemos um dia de apresentação dos movimentos em San Pedro e fomos divididos em grupos, que partiriam para as vivências nas comunidades distribuídas pela região, entre elas, havia duas comunidades Guarani, a Tekoa Arandu, que se encontra também no município de San Pedro, na região de Pozo Azul – foi interrompida por um grupo de agricultores de erva mate que havia fechado a estrada. Eles protestavam contra o baixíssimo valor que as empresas pagam pelo quilo da mercadoria – sendo que grande parte do mate consumido na Argentina vem de Misiones.

Nosso grupo era formado por estudantes de Agronomia e Ciências Ambientais – Diego, Estéfani, Alan e Caro, Leandro, da Antropologia, e eu, comunicadora. O caminho nos levava natureza adentro. Passamos por algumas barracas com artesanato indígena na beira da estrada. Viramos numa estradinha de terra bordeada por casas padronizadas de alvenaria. “Já estamos na comunidade”, nos avisou Jorge, o que podíamos perceber pelos traços das pessoas que íamos cruzando. Algumas casas tinham desenhos de criança nas paredes, janelas quebradas – diferenças culturais que já se mostravam, como a relação com a morada, com as crianças e com as coisas materiais. Na cultura Guarani, as crianças têm muita liberdade e são tratadas com respeito, sem serem inferiorizadas. São sagradas.

Vivência na comunidade em Misiones revela conflitos, sabedorias e modo de vida Mbya Guarani

Por Michele Torinelli

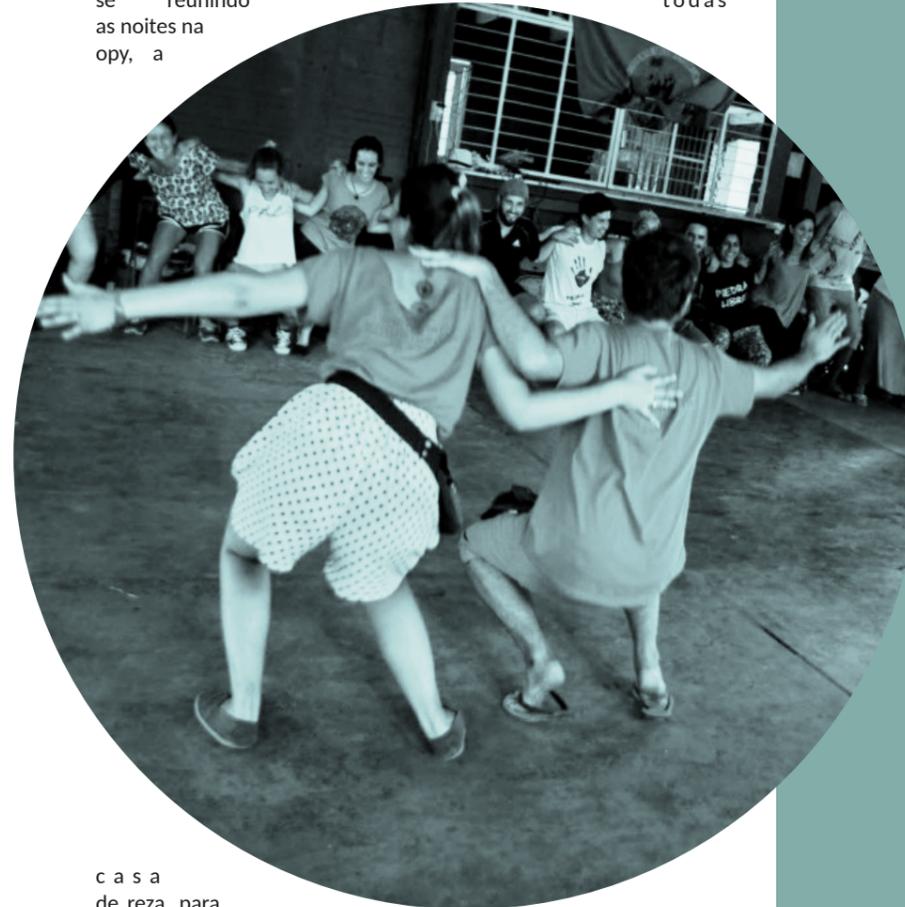
CONVERSAS, MATE E FOGO À LENHA

A conversa com Vera foi longa e regada a mate – aliás, com o calor que fazia, tererê, servido por Piri, jovem cacique de 25 anos que cumpre com essa responsabilidade de levar as demandas da comunidade para fora desde os 21. Logo depois um menininho assumiu a função de servir a erva com água bem gelada. Agradei em guarani – *haevete*, perguntei se era assim que eles falavam. Piri confirmou que sim, e os estudantes aprenderam – e praticaram a cada volta do mate – a sua primeira palavra em guarani. Vera comentou que a função de cacique não é mandar, mas ser um interlocutor da comunidade, comunicar seus interesses. Ele contou que os que têm mais influência no processo de decisão são os anciãos, as sábias. Alguém perguntou se um ancião é necessariamente um sábio, ele disse que não, que não sabe se ele mesmo um dia vai se tornar um sábio, vai depender da vida.

Infelizmente as relações políticas com os brancos muitas vezes desvirtuam o papel de cacique. Vera contou que houve um racha na comunidade, que agora conta com dois caciques – um de cada lado da estrada. E que recentemente foi criada uma Secretaria de Assuntos Indígenas na província, que reconhece como cacique somente aqueles que lhe convém – ou seja, acaba interferindo no desenho político das comunidades, numa escolha que deveria ser interna, gerando disputas de poder.

Seguiu explicando que as decisões são tomadas por consenso, através do diálogo, conversando em círculo – e que a escuta é tão ou mais importante que a fala, o que gerou um impacto imediato em nós que chegávamos de fora, tão elétricos, criados numa cultura em que o falar é muito mais importante que o ouvir. Saber silenciar é também saber falar. Dar valor à palavra, falar de verdade, com o coração.

Paramos em frente à escola da comunidade. Quem nos recebeu foi Martin Fernandez, ou Vera (se pronuncia “Verá”), que é o segundo cacique e havia participado brevemente da atividade conjunta em San Pedro no dia anterior – ele saiu cedo porque sua sobrinha estava seriamente doente, e a família estava se reunindo todas as noites na opy, a



de casa para pedir por sua cura. Depois de nos saudar, ele buscou algumas cadeiras e levou-as para debaixo de uma árvore, onde sentamos em círculo.

Na atividade de apresentação na noite anterior, Vera já tinha contado que vivem ali mais ou menos 60 famílias, ou 300 pessoas, que habitam uma área de 20 km por 3 km. Ele advertiu que pode parecer muita terra, mas que é um território estreito e comprido e, para complicar, dividido por uma rodovia – “o caminho dos brancos”, como diz no documentário o opy’gua (que significa, literalmente, guardião da casa de reza). Além do mais, grande parte da terra contém mata nativa, que é historicamente respeitada pelo povo Guarani – o que é atração para alguns vizinhos que invadem o território para extrair madeira. Esse é um dos principais problemas que a comunidade enfrenta.

Numa comunidade em que acordos valem mais que burocracia, em que a sabedoria ancestral se transmite de forma oral, sabe-se bem o que é isso.

Vera se despediu e disse que ficaríamos alojados na escola, que ainda estava em período de férias. Também falou que nesse dia, que era domingo, estaríamos por conta, e que a comunidade fica mais silenciosa – por causa do descanso e das atividades da igreja. Alguns frequentam a igreja cristã, mas ele explicou que eles também têm a “igreja” deles, a opy, que era para lá onde iria nesse momento. Avisou que seu irmão, Anselmo (ou Kuaray), viria conversar com a gente mais tarde. Kuaray nos contaria que hoje em dia não existe uma opy de toda a comunidade, somente algumas menores, das famílias que ainda mantêm as práticas espirituais tradicionais. Mas que pensavam em construir uma.

Armamos as barracas e levamos nossas comidas para a cozinha da escola – uma construção de madeira levantada pela própria comunidade. Fogão, só à lenha – e começou a saga do fumacê e das lágrimas nos olhos, ao que logo nos acostumamos. Enquanto esperávamos que nos indicassem qual lenha podíamos pegar, como havia advertido Vera, acompanhamos o jogo de futebol dos homens da comunidade contra os vizinhos. Belos lances e poeirão vermelho dando o tom da partida.

DIÁLOGOS E CONFLITOS

Kuaray estuda Letras no Instituto Montoya, uma instituição de ensino cristã na cidade de Dorados onde conseguiu uma bolsa. Seus irmãos Vera e Jose também seguiram nos estudos. Sua mãe, Jaxuka, não fala a língua dos brancos, mas incentivou que seus filhos estudassem. Kuaray contou que há muita discussão entre as sábias e sábios quanto a se inserir ou não nessa cultura que os massacra. Mas chegaram à conclusão de que é preciso dominar suas ferramentas para sobreviver. Para se defender. Para tentar viver bem. E resistir. Mesmo com os riscos que isso implica.

Com o contato com os brancos, muito dessa cultura é incorporada, como acontece historicamente com qualquer povo que se relaciona com outro. Mas não podemos esquecer que não se trata de uma relação horizontal, uma troca saudável – mas de dominação e massacre. Simplesmente por serem como são eles desafiam a lógica do sistema.

Eles não reconheciam a propriedade da terra! E agora precisam lutar pela demarcação de seu território. Precisam disputar leis. Precisam se defender dos que querem explorar os recursos naturais das terras que eles sempre cuidaram, e das quais dependem. Das quais todos dependemos.

Kuaray nos explicou que sempre que caminham pelas matas, eles pedem licença. Que todo ser vivo, toda pedra, toda árvore, todo rio, tem um “dono”, uma força que os rege, e que os chamam de “avôs”. Avô terra. Avô fogo. Com respeito e carinho. Os Guarani se sentem parte disso, dessa grande família conectada pela teia da vida. “Os brancos também fazem parte de tudo isso, mas se esqueceram”, disse.

Não há saída senão dominar os códigos dos brancos. Seu idioma, sua burocracia. E sim, a comunidade quer ter cada vez mais acesso às tecnologias. Às benesses construídas a partir do conhecimento comum da humanidade. É comum vê-los com seus celulares, conectados à internet, principalmente os jovens. Não querem ter acesso somente às tranqueiras do sistema, que é o que mais lhes chega. Refrigerantes, comida industrializada, hábitos alimentares que vão adquirindo, como acontece por todo lado. Televisão.



O pior do mercado chega até eles, chega a todas as partes. Já as políticas públicas, nem tanto. São encarados como consumidores, por suposto! Mas não como cidadãos.

Por isso a aproximação é um dilema. Inevitavelmente os indígenas vão adquirindo costumes de um modo de vida desequilibrado, desconectado da natureza da qual invariavelmente todos fazemos parte, e é preciso ter muito discernimento para se apropriar de forma consciente dos elementos culturais e materiais desse modo de vida predominante que estende suas garras e ondas eletromagnéticas cada vez mais mata adentro. Mas, ao menos na Tekoa Arandu, chegou-se à conclusão de que há de se enfrentar esse desafio. Não é nem questão de escolha, mas de sobrevivência.

Evidentemente sentimos, enquanto visitantes, que nossa simples presença representa esse dilema. Somos a corporificação de um encontro violento entre dois mundos. Confesso que essas situações mexem comigo. Mesmo lutando por um mundo onde caibam muitos mundos, meu jeito de ser – minha cor de pele, o idioma que falo, os códigos que domino – representa um mundo



que se impõe sobre outros mundos, que me foram negados. Tenho reconhecido que esses outros mundos também fazem parte de mim. Mas é preciso se (re)conectar com eles. E desconstruir as capas que a civilização me colocou.

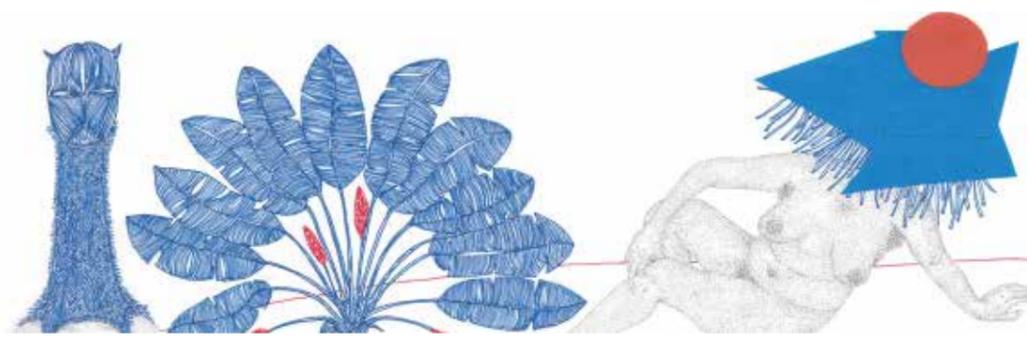
É PRECISO RECORDAR

Talvez a única maneira de reverter esse quadro de massacre seja o reconhecimento de nossas identidades indígenas, que nos permeiam. Mesmo que as avós indígenas tenham sido violentadas, subjugadas, silenciadas. Mesmo que tenham adquirido nomes civis europeizados e documentos. Essas culturas resistem também nos “não-indígenas”, o que está evidente em alguns hábitos – como o de tomar mate. Nascemos dessa história. “Índio é nós”, já dizia uma campanha pelos direitos dos povos originários.

Sim, tem o outro lado dessa postura, o risco da tal da “apropriação cultural”. Culturas indígenas como fetiche, como mercadoria, consumidas separadamente de seus sujeitos, esvaziadas de sua carga política, de sua cosmovisão, de seu potencial subversivo: do confronto que sua mera existência representa. Mas se não formos capazes de reconhecer que as culturas estão sempre em atualização e movimento, e de enfrentar o desafio da interação cultural... Só resta apostar no isolamento. Até que o sistema chegue com seus tratores. Portanto, se essa for a escolha, que é legítima, é melhor se esconder bem. Em tempos de satélites, drones, vigilância digital, é possível?

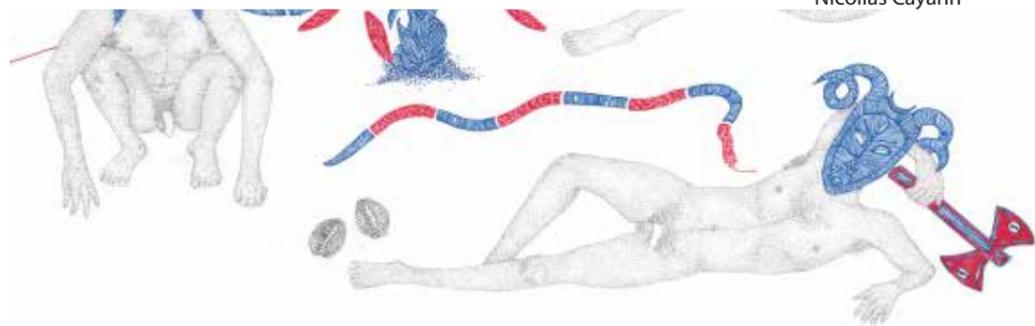
Parece que não. Resta, então, identificar quais são os parâmetros, a(s) guia(s) que podem ajudar as culturas indígenas a não serem engolidas nesse diálogo-disputa com a civilização. E tudo indica que essa resposta pode ser encontrada justamente em suas culturas: através de sua memória.





Ensaio Sobre A Nova Tropicália O Funk Carioca como Literatura Engajada

Nicollas Cayann¹



Da Tropicália de Caetano Veloso ao Funk de Carol de Niterói existe uma gama de modificações de base, e detalhes que distanciam ambos os gêneros musicais. Ao mesmo tempo, existe uma aproximação estrutural muito dinâmica, que se dá em torno da proposta político/social das obras musicais tanto do Funk quando da Tropicália, que é facilmente relacionada com a ideia de *litterature engagé* de Jean-Paul Sartre (1948). A literatura engajada é descrita por Sartre como uma produção literária que cumpre sua função social, que é refletir os tempos, as questões que rodeiam as dinâmicas nacionais e internacionais, e também as ações e reações no funcionamento social da humanidade. A Literatura engajada como proposta estética se trata de aferir a escrita de cunho social (que reflete os tempos) não apenas como aspecto, mas sim como estética narrativa. Para Sartre a literatura engajada era um resultado da escrita em prosa. Na visão do autor não existia motivo para escrever sem engajamento. O escritor engajado entende que a palavra é um ato de protesto e que não se pode escrever sem

retratar a sociedade e as condições de humanidade.

A globalização, que veio com força nos anos 90, gerou uma imensurável modificação estrutural em vários setores, como por exemplo: industrial, monetário, educacional, e logicamente, afetou também, as produções acadêmicas. A pós-modernidade, descrita por Fredric Jameson (2015) no texto *"The Aesthetics of Singularity"*, trata desse período globalizatório que atingiu (e ainda atinge) várias áreas. Neste período pós-moderno tanto as produções artísticas quanto as produções acadêmicas desempenham um papel cada vez maior no âmbito social/cultural, mais que isso, as produções acarretam cada vez mais aspectos político-sociais da abordagem de suas temáticas à execução da metodologia. Vale mencionar que embora o Funk Carioca exista desde 1970 ele só veio a ser vivenciado por todo o Brasil nas duas últimas décadas, logo a produção atual se encaixa perfeitamente na descrição de Jameson.

Historicamente a Tropicália veio como movimento cultural/político/social, e deu origem ao gênero musical que é marca registrada de alguns cantores brasileiros, já o Funk Carioca foi criado como gênero musical, porém acabou por converter-se em uma ferramenta político-social da pós-modernidade brasileira. A repressão também foi uma temática que ajudou a narrar a história dos dois gêneros, de um lado a Tropicália, rechaçada pela ditadura militar instaurada no Brasil em 1964, de outro lado o Funk Carioca (ou funk no general) que foi por muito tempo depreciado, desprezado, e ridicularizado pelos brasileiros de diferentes classes e nichos sociais. Outro fator que une os dois gêneros é a aceitação, a Tropicália é hoje um gênero muito bem visto tanto na sociedade quanto na academia, e o Funk Carioca (com seu cunho político/social) parece caminhar para a mesma trilha.

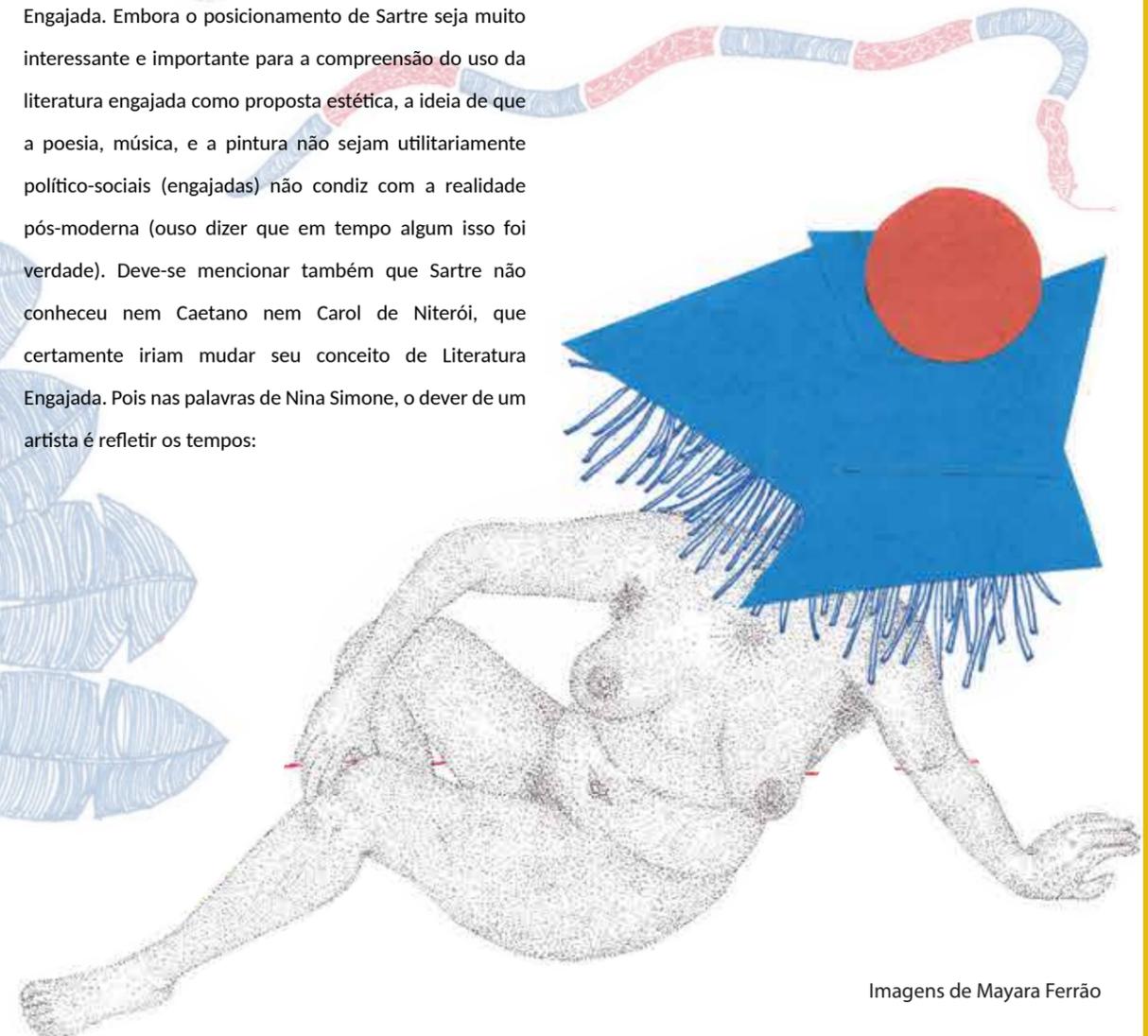
Deve-se mencionar que para Sartre só livros de prosa poderiam ser considerados parte da ideia de Literatura Engajada. Embora o posicionamento de Sartre seja muito interessante e importante para a compreensão do uso da literatura engajada como proposta estética, a ideia de que a poesia, música, e a pintura não sejam utilitariamente político-sociais (engajadas) não condiz com a realidade pós-moderna (ousou dizer que em tempo algum isso foi verdade). Deve-se mencionar também que Sartre não conheceu nem Caetano nem Carol de Niterói, que certamente iriam mudar seu conceito de Literatura Engajada. Pois nas palavras de Nina Simone, o dever de um artista é refletir os tempos:

An artist's duty, as far as I'm concerned, is to reflect the times. I think that is true of painters, sculptors, poets, musicians. How can you be an artist and not reflect the times? That to me is the definition of an artist.

(*What Happened Miss Simone*, Netflix, 2015. Na voz de Nina Simone)

Gênero, preconceito, racismo, feminismo, decolonialidade, são diversas as temáticas capazes de compor as letras e harmonias do Funk Carioca. Mais do que uma típica expressão artística brasileira e latino-americana, é uma proposta de descolonizar a produção artística. Afinal de contas... "Professora me desculpe [...] Quem descobriu o Brasil não foi Ca

¹Bolsista do Mestrando em Literatura Comparada da UNILA, Foz do Iguaçu - PR, Brasil. nicollascayann@gmail.com.br



Imagens de Mayara Ferrão

ARQUITETURA COMO MANIFESTAÇÃO DE MEMÓRIA VIVA DO PEABIRU

O percurso do Peabiru de 4 000 km de extensão que liga os dois vastos oceanos é caracterizado por uma narrativa complexa de ecossistemas, paisagens, culturas. (FIGURA 1) É um museu linear a céu aberto. Porém, no novo milênio, o percurso ancestral foi apagado pela geografia de colônia e atropelado por veículos. A idéia de projetar um complexo arquitetônico sobre o traçado do Peabiru pressupõe a recuperação da paisagem natural perdida. Pretende reencarnar agentes naturais (fauna, flora, água, ar, fogo e terra) para potencial identificatório, salubre e anárquico.

Pelo ponto de vista político é espelhado na ordem ecológica e indígena de entendimento da terra em nome da resistência ao trauma sócio-cultural-ambiental. Vai em direção ao primitivo, num retorno ao pensamento e estética selvagem com percepção de cosmopolítica indígena, que hoje nos revela a urgência em cessar a predação e o trauma social do capitalismo, do patriarcado e do que atravessam continentes e séculos carregando a mitologia do progresso a qualquer custo.

Por isso, é uma arquitetura por excelência anárquica! Uma desconstrução da falsa idéia de fronteiras e propriedades num território fértil de encantamentos. novo sistema, livre de divisões, do colonialismo cultural, violência e consumismo. Claramente uma utopia, que segue como denúncia e provocação. Manifesto em uma dimensão simbólica.

O complexo-arquitetura transcende a noção de escala e localização, “reduzindo” o território sulamericano à uma paisagem unitária e infra-estrutural. Imagem sem início nem fim. Desta maneira, os limites espaciais se mostram menos rígidos quando categorizados por biomas. Entre interior e exterior, entre dentro e fora, entre privado e público, entre aqui e lá. Portanto a identidade de proposta do novo percurso responde as condições climáticas, topográficas, fatores locais, fauna e flora de cada bioma. (FIGURA 2)

Artefatos arquitetônicos evocam os dois aspectos de uma forma sugestiva e analógica, serão reunidos em uma composição: percurso (associado ao caminhar) - totem morada (associado ao permanecer). Assim, se consolida em duas esferas antagônicas e complementares do estar no território: *caminhar e permanecer* - *percurso e morada*. Essa dupla projetual correspondente a cada bioma e se replicará durante a extensão dos 4.000 km.

Percurso

A paisagem depende do sujeito que a observa. Dentro da intenção de projeto, esse sujeito é um caminhante, andarilho vadio, migrante, nômade, etc... O caminhar é signo regente do Peabiru. Caminhar pela essência libertaria. Caminhar simplesmente por caminhar dentro de um percurso exploratório. Buscar o espírito nômade onde reina o sedentário.

O momento de caminhar pela paisagem, no Peabiru contemporâneo se lança pelas paralelas das rodovias, caminho destinado a andarilhos. marca uma linha leste-oeste - atlântico-pacífico ao longo da rota sob a superfície do terreno, e proporciona aos peregrinos a passagem de um espaço íntimo à amplitude da paisagem.

Como a alma viária do Peabiru interfere no cotidiano smart-fast-business of South America? O magnetismo da terra ainda resiste? As camadas sobrepostas faz respirar o percurso elementar precedente? O caráter urbano/místico do território atual é ascendente à cosmologia ecológica-indígena?



FIGURA 2

Percurso mata atlântica: caminho forrado por gramíneas ancestrais, permeado por valas laterais paralelas que permitem a drenagem natural das águas e também possibilitam a permanência para descanso.

Percurso pantanal: híbrido terrestre e aquático com pontes flutuantes devido ao ritmo das águas (vazante e cheia)



FIGURA 3

Manuela Makhoul, 2018

Totem morada:

Momento de ritualizar! São refúgios do caminho, morada de todos os povos. Estruturas vivas que permanecem abandonadas a maior parte do ano e envelhecerão como parte da paisagem. Uma arquitetura selvagem onde come-se pouco, dorme-se mal e dança-se muito em coletividade. Uma espacialidade libertária, sem prescrições, sem proibições.

Totem-morada se constitui como complexo vertical de 30 m de altura, feito em madeira (eucalipto na mata atlântica, palmeira carandá no pantanal) e feito de pedra nos andes. É composta em sua extensão por células dormitórios alternadas. Células que abarcam redes de dormir, que representam o mobiliário, o possuído, a parte essencial. A rede faz parte de seu corpo. A superfície térrea da estrutura, pousa sobre o extrato herbáceo, e é marcada pelo fogo central que por um cano metálico serpenteiam toda estrutura, passeando por dentro às células. Sobre a cobertura se instalam as infra-estruturas energéticas.

Em síntese, o projeto-manifesto traz a tona o desejo de ampliar as concepções do traçado em uma conexão passado-presente, que se estabelece como tatuagem no território, por meio de elementos de arquitetura projetados a partir de uma reinterpretação para transformar o caminho do Peabiru em memória viva, com a intenção de aproximar a população a esse circuito possibilitando o reconhecimento de sua identidade no espaço. O projeto de arquitetura viva define-se como especulação de uma estrutura capaz de cruzar as terras americanas a fim de conectar as enormes potências oceânicas, resignificando o caminho do Peabiru numa justaposição de cidade e natureza. É o viver na essência dos povos originários: ideia do ser nômade, sem residência fixa, sem amarras, perambulando pelo mundo sem qualquer tipo de posse ou razão para fixação. Seres descalços, que dormem em redes. É uma visão de liberdade total. Estrutura-arquitetura sem programas, funções, delimitações em nome de reviver e descriminalizar o hedonismo.

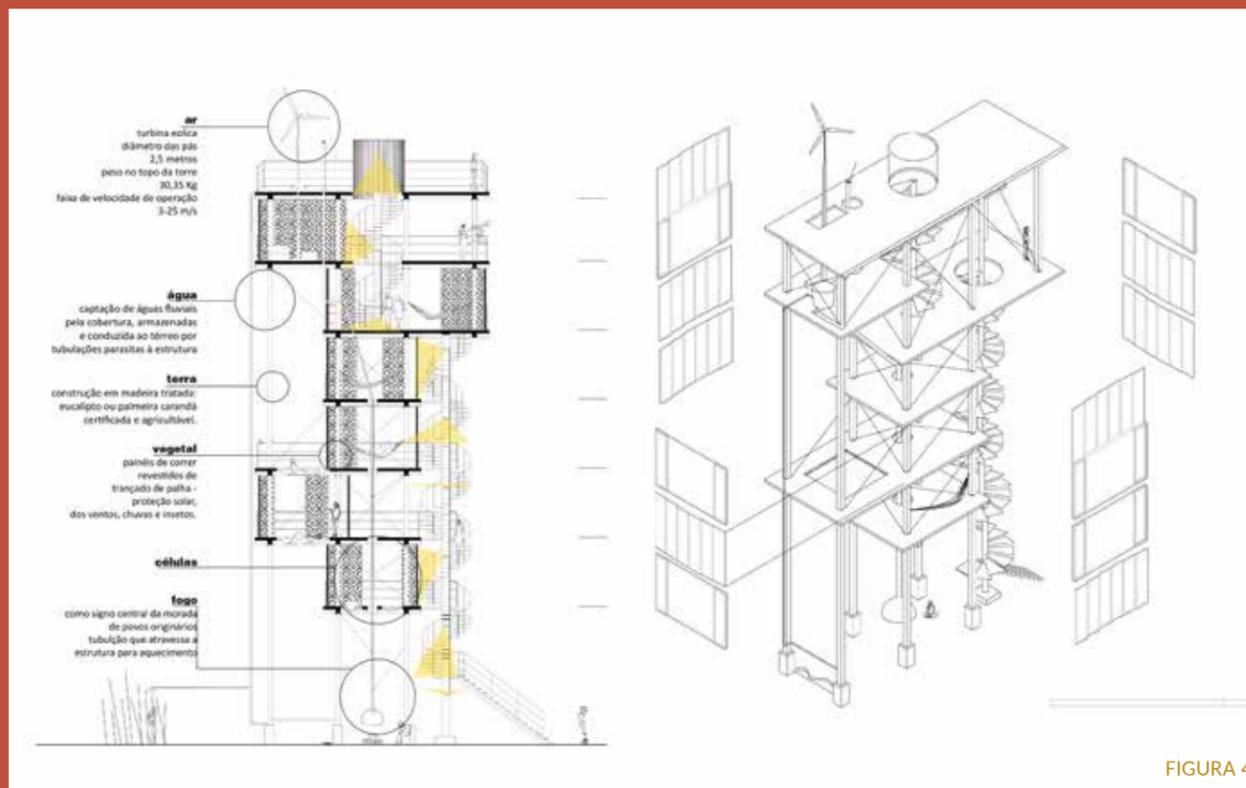
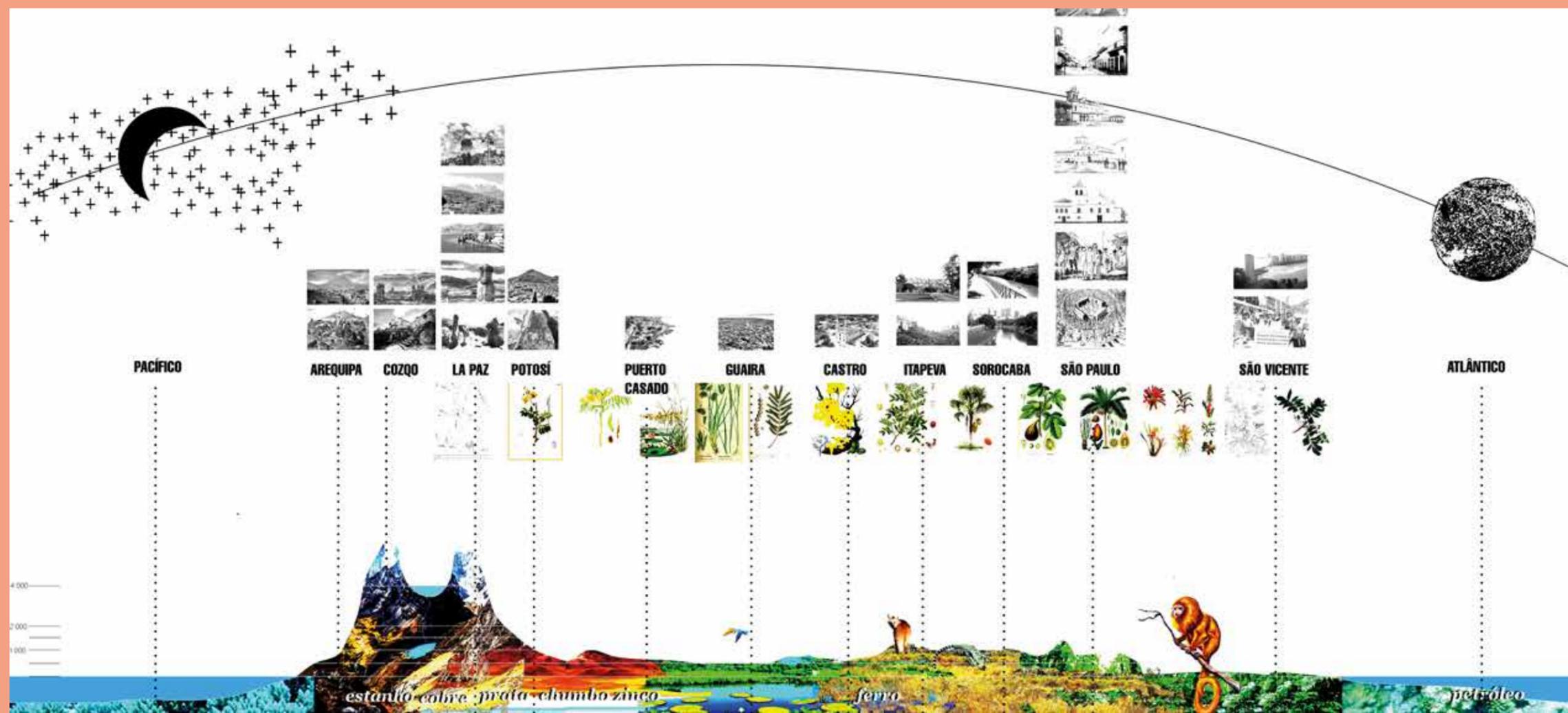


FIGURA 4

sub strato: transversalidade para superação da geopolítica, um mapeamento de reminiscência viva





Si la necesidad hace parir mulatos y mulatas, habitar una frontera desde la mexican-idad no es la excepción. Particularmente una mexican-edad fronteriza como la mía. Nacida en la esquina donde germina la patria. Las patrias. Tengo tatuado un welcome to Tijuana, la Tiyei, la Tijuas. Habitar una border que no borda horizontes sino límites desde un acontecer híbrido. Líneas imaginarias sin pasaporte, sin identidad. Ataduras invisibles for sale. Viriles rostros educando con sacrificio y dolor. Duelos y despedidas en el soltar de cada familia entre un cruce y otro. Migrantes buscando su lugar en el espacio

geográfico blindado por muros. Miradas encausadas al vacío. Vacíos colectivos tejiendo sueños que se quedan en altares, cruces en lugar de bienvenidas, o la bienvenida es un minuto de silencio antes del encuentro. *Yes, we are mexican border people.*

Sin embargo, habitar fronteras ocurre desde diferentes (micro) perspectivas. Por ejemplo, en la negación o, en el mejor de los casos, aprobación de una mirada a la otra. Como acto político. La política de lo trans. Habitar fronteras es lo que atraviesa uno y otro

cuerpo apuñalados por cactus transgénicos. Desaparecidos debajo de las noticias del día a día. Uno y otro paso que no pasa por falta de visa. *Because your color is not blanco. No hay agua para ti. No hay tierra. No hay. La delincuencia es vivir en el asfalto de ser nativos de otro color, otra lengua. La otredad como esclavitud. La delincuencia de no saber pronunciar in a perfect english that give us a better work to live because if you learn english, you can "have a great day".* Una y otra puerta cerrada al encuentro de posibilidades. Al encuentro mismo because *Yes, we are mexican border people.*

*We live in the border of the border because we eat tacos with chile and nos la pelamos con el Spanglish because we born like a negros and negros, hermanos, hermanas, we will die con la bandera de México en alto. Somos los y las morenos con el nopal en la frente. Indios e indias con paliacates danzando con un chingo de fotografías turísticas. Ometeotl. Propaganda de cadenas americanas a la fast food. Prehispánicos de huitlacoche with a lot of salsita y de buena madera. Añonjolí de todos los moles para demostrar nuestra chambeadora raza reña carnal. Y no te metas conmigo porque levé la nieve si ya tela you know con el barrio loco que respalda. *Yes, we are mexican people.**

Frontera somos la guerra. Nos salva la incertidumbre. Prendemos lumbre desde nuestras manos sujetando el muro. Mirando el no lugar. El no espacio. Bailamos entre nuestros muertos para rezar por un porvenir menos extranjero que el dólar. En todas las lenguas, en todas las formas, en todas las fronteras que fracturamos para visibilizar una raza, un pueblo, una mirada posible. Una deconstrucción de la maquila en la que nos ha convertido Trump y todas las mentes hermanas de su dislexia. Seguimos existiendo, por lo menos, si nos nos han despojado todo, en nuestra sangre. because *yes, we are mexican people, ¿o qué?*



Música e identidades:

El reggaetón contemporáneo de los Ticuna en la Amazonía

Por Diego Andrés León Blanco¹ | Enderson Oliveira²

Imagem Mayara Ferrão

Como cualquier lenguaje artístico, la música, sus ritmos, apropiaciones y letras expresan el contenido cultural del local, de su población, sus identificaciones y los significados que transmiten.

Entre los pueblos indígenas, la música se particulariza en la transposición de elementos ancestrales y contemporáneos, manifestos en producciones artísticas singulares. Entre los Ticuna³, por ejemplo, a pesar de los impactos coloniales que transformaron sus tradiciones y reconfiguraron su territorio, su lengua materna se mantuvo. Y como fuerza del tiempo, esta tradición lingüística ha constituido un invaluable sentido identitario, que le ha permitido a este pueblo amazónico, por medio de esta red infinita y mutable de significados que es la lengua, una actuación política y social referente de las luchas de estos pueblos. Desde esa fortaleza, son múltiples sus expresiones artísticas; la lengua irrumpe en una vitalidad que por cientos de años, desde los dispositivos de poder colonial, se pretendió acabar desvalorándola, sin éxito.

Los Ticuna, pueblo fronterizo, son bilingües, algunos trilingües. La mayoría tiene como lengua materna el ticuna, después aprenden español o portugués, algunos dominan las tres lenguas. En este multiculturalismo, no es extraño que ritmos urbanos como el reggaetón sean interpretados por habitantes rurales de la selva en ticuna, lengua tonal de difícil aprendizaje.

¿Posmodernidad? ¿Diálogo extraño? Tal vez sí. ¿Simbiosis imposible? No. Estos objetos estéticos están inseridos en un contexto y en un proceso más amplio, entendido desde la hibridación cultural, la cual “[...] no es una simple mezcla de estructuras o prácticas sociales discretas, puras, que existían en forma separada, y al combinarse, generan nuevas estructuras y nuevas prácticas. A veces esto ocurre de modo no planeado, o es el resultado imprevisto de procesos migratorios, turísticos o de intercambio económico o comunicacional” (CANCLINI, 1997, p. 112).

Aunque este proceso envuelva una mixtura global de dos culturas, aunque con la supremacía de una de ellas, hay que observar que indican un proceso mayor, de identificaciones y resistencia. Así, se tiene lo que Hall llamó de identificaciones, por tratarse de “un proceso en

andamiento”, en el cual el individuo siempre está en busca de “preencher-se, para tornar-se unidade” (HALL, 2003, p. 39). Analizando la producción de los Ticuna, notamos entonces que cantantes y grupos musicales – como Guild Blan, joven Ticuna brasileño –, al adaptar y disponibilizar sus canciones en sitios como Youtube, colaboran para la conexión de su lengua con una cultura más urbana, posmoderna y mezclada, en un complejo proceso de identificación, tal cual Hall y Canclini abordan, como notamos anteriormente.

Aquí se evidencia una relación intercultural. Jóvenes indígenas interpretando ritmos urbanos en su lengua propia. Yuxtaposición de valores y significados,

constituido en los ejercicios de traducción.

En el marco de una significación urbana, el reggaetón se expresa musicalmente sobre valores concretos matizados en ritmos y letras. Este contenido cobra sentido en el territorio rural de los Ticuna cuando estos traducen, como ejercicio de interpretación, la música urbana a la sonoridad tonal de su lengua. Si la lengua se entiende como un sistema de valores, sentidos y significaciones, hay una transposición de estos elementos de una cultura a otra. En este juego simbólico e interpretativo, el contacto entre culturas disminuye la línea fronteriza que las define.

Más allá de la hibridación, es un “proceso en andamiento” que reestructura valores y sentidos más allá de dualidades y culturas. En otras palabras, es un sentido intercultural en el cual las expresiones y tradiciones de los pueblos son indefinibles a la sombra del supuesto de una única y cerrada cultura.

Referencias Bibliográficas:

Sichra, Inge. Coordinación y edición. 2009. Atlas Sociolingüístico de Pueblos Indígenas en América Latina, Tomo II. FUNPROEIB-Andes. Bolivia.

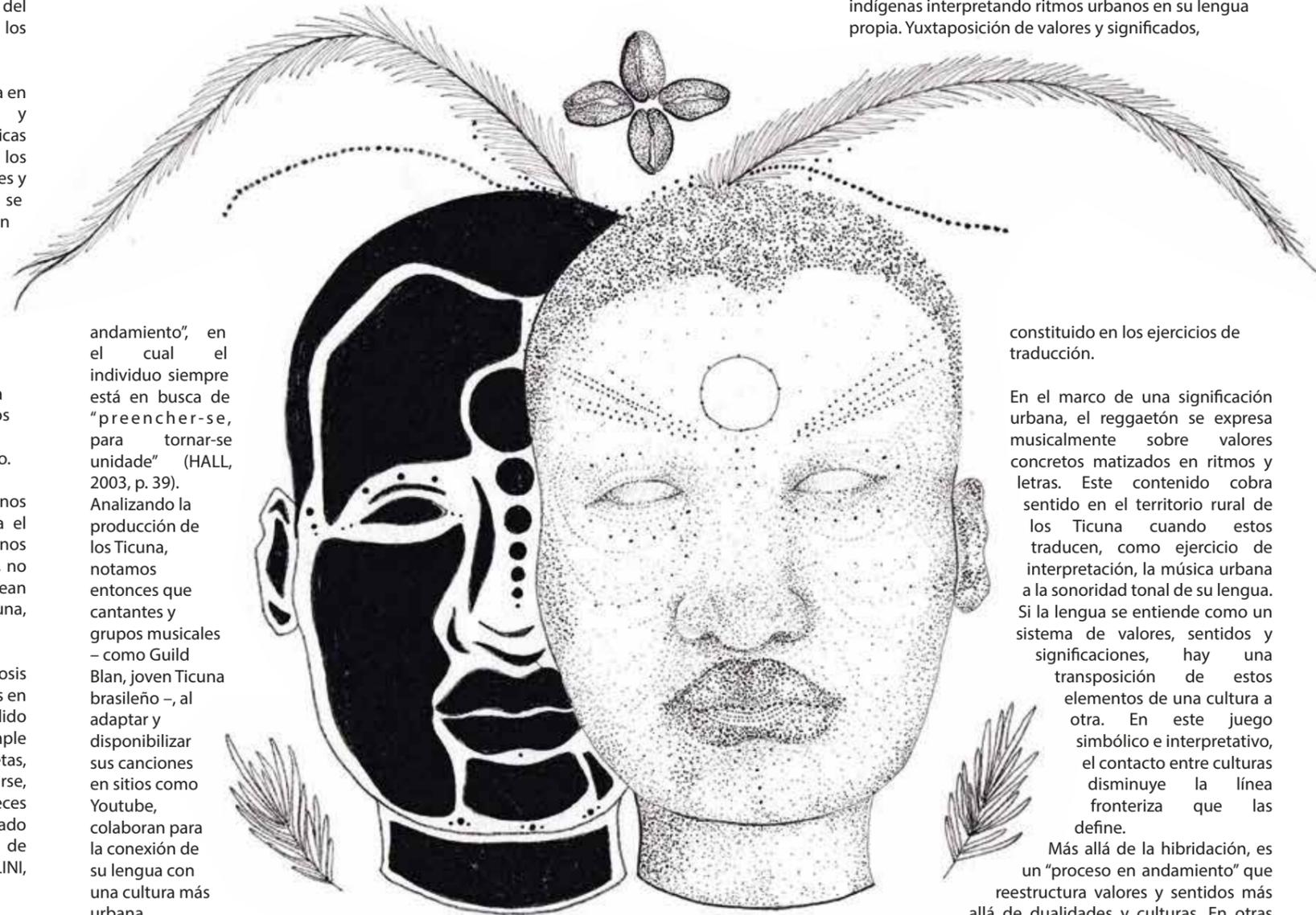
Canclini, Néstor García. Culturas Híbridas y Estrategias Comunicacionales. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas. Vol. III, número 5. Universidad de Colima: Colima, México, 1997. Disponible en <http://culturascontemporaneas.com/contenidos/culturas_hibridas.pdf>. Acceso en 3 de julio de 2017.

Hall, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. 7a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

¹Magíster en Antropología. Profesional comunitario con las víctimas del conflicto armado en Colombia. E-mail: diegolyon@hotmail.com

²Profesor en las facultades Estácio FAP, Fapan, Fapen, en Belém do Pará. Periodista, magíster en Ciencias Sociales (Antropología). E-mail: enderson.oliveira12@gmail.com

³Este pueblo está diseminado en tres países de la Alta Amazonía: Brasil, Colombia y Perú. Considerando los tres Estados, suman más de 40.000 personas (Sichra, 2009).



O QUE SIGNIFICA AMÉRICA LATINA PARA OS LATINO-AMERICANOS?

LatinoAmérica desde adentro e a construção de um Peabiru latino-americano

Por Larissa Mehl¹

Para se falar de uma cultura latino-americana, é necessário, antes de tudo, entender o que é América Latina. Uma região territorial? Uma área com línguas em comum? Herança histórica? Étnica? Será que o significado desse termo é o mesmo em todos os lugares que ele pode abarcar? Para Canclini, América Latina “mais do que uma identidade (pode ser) uma tarefa” (CANCLINI, p. 39). Mas uma tarefa para se chegar aonde? Pensar em conjunto o significado de América Latina pode ajudar a refletir mais profundamente sobre o que significa ser parte desse conceito e possibilita dar a ele novos significados.

Para trabalhar com essa tarefa, foi criado o projeto itinerante “LatinoAmérica desde adentro” (www.ladesdeadentro.com), que desde 2015 realiza oficinas e apresentações musicais ao redor de todas as latitudes, refletindo sobre o que significa ser latino-americano. O projeto já foi realizado em sete

países da América do Sul, planejando alcançar América Central e México nos próximos meses.

Nessa tentativa de pensar e entender coletivamente o conceito latino-americano que foi criada, para o projeto, a oficina “O que é América Latina?” – transformando um conceito em realidade. Já foram 22 oficinas realizadas pela América do Sul, contando com participantes de todas as camadas sociais, desde estudantes, músicos, mineiros, trabalhadores de uma fábrica de queijo, viajantes, entre outros. Gente dos Andes, do Caribe, das praias, do sul frio e úmido do Chile, de quebradas secas e de grandes cidades, como Santiago e Lima. A faixa etária da maioria dos participantes foi na casa dos vinte anos, mas também contamos com uma lúdica participação de crianças e, às vezes, de adolescentes e pessoas quase no final da fase adulta. Portanto, podemos atestar uma grande diversidade entre os participantes da oficina.

No começo, sem nenhum tipo de influência, as pessoas são convidadas a colocar em um papel o que elas consideram América Latina. Uns colocam em tópicos, outros em forma de desenho, outros em frases. Dentre as respostas, encontramos definições básicas e fáceis de serem desconstruídas, como afirmar que a região é composta de países que falam línguas derivadas do latim. Porém, muitas conclusões vêm recheadas de realismo mágico e poesia: “*América Latina soy yo, las montañas, la fauna, el agua, flora y mi sangre*” – Jhonny Quispe Ayara (Potosi). Outras vêm acompanhadas de contrastes: “*Latinoamérica es una risa con llanto*” – Paola (Quito – Equador); e “*Un paraíso que no entendemos*” – Blanca Chávez (Bogotá – Colômbia). Também houve respostas que pedem mudanças: “*América Latina es un territorio en disputa por las diversidades, las etnicidades, las identidades nacionales, los estados naciones, las compañías internacionales. Burlar las fronteras, los espacios*



“**Latinoamérica es una risa con llanto.**”

Paola (Quito - Equador)

“**América Latina soy yo, las montañas, la fauna, el agua, flora y mi sangre**”

Jhonny Quispe Ayara (Potosi)



¹Natural de Curitiba – PR. Formada em Relações Internacionais pelo UNICURITIBA, criadora e facilitadora do projeto “LatinoAmérica desde adentro”.



conectando-os por linhas, ou seja, refletindo um intercâmbio mesmo na fragmentação. Em Medellín, um senhor desenhou os pontos energéticos do continente, porque para ele América Latina é espiritualidade.

Com essas duas atividades, a oficina “O que é América Latina?” tem se tornado uma ferramenta com a qual os participantes trocam saberes e refletem seus imaginários, sem o objetivo de julgar as diferentes visões, mas sim de tentar conceber uma perspectiva mais profunda, que pode contribuir para o

fortalecimento do carácter intercultural das culturas latino-americanas. Nesse processo, é importante levar essa discussão para fora do âmbito acadêmico, pensando que o papel dos universitários e dos profissionais é construir o conhecimento junto com as comunidades locais. Assim, as diversidades de significado sobre a América Latina que se entrecruzam - em história, memória, resistência, falta de reconhecimento, violências, frutas, comida e músicas -, quando direcionadas, podem facilitar a América Latina como tarefa, conectada diretamente com a proposta de Peabiru, que, para os dias atuais, precisa estreitar os caminhos, ajudando a refletir em conjunto diversas culturas que tem seus destinos entrelaçados devidos às múltiplas latino-americanidades.



y estados de confort se vuelve crucial para crear una nueva identidad latinoamericana, y la forma para conseguirlo a un nivel micro es compartiendo experiencias, vivencias y saberes que nos permitan vivir la alteridad” - Miguel Barreiros (Quito).

Ainda mais bonito do que recopilar esses conceitos foi ver, durante a oficina e nos diferentes pontos de vista, as contradições, os ressentimentos e inconscientes em relação ao tema saindo à luz nas discussões. Situações marcantes como em Potosi, onde uma jovem gritou contra seus companheiros, cansada das minas e do orgulho de seus colegas pelo “Tio”(Deus das Minas) e pelo culto a Pachamama e ao idioma quéchua. Sua posição foi fortemente abominada pelo resto dos participantes, mas eu, perplexa, enxerguei beleza em seu expressar, que apesar de raivoso e abnegado continha paixão. Outra situação parecida aconteceu em Humahuaca, norte argentino, onde uma adolescente confessou, durante a oficina, a vergonha que geralmente ela e os colegas tinham de caminhar com as

mães ou as avós cholitas (mulheres vestidas com indumentária indígena). Ela parecia reconhecer aquilo com uma tristeza sincera, que fez seu professor se encher de lágrimas nos olhos. Esses dois casos mostram mais uma faceta de ser latino-americano: a negação somada ao amor, sempre envolvido nesses processos dolorosos.

Após debater os conceitos, desconstruir algumas visões e relatar um pouco sobre a origem do conceito de América Latina, os participantes são convidados a fazerem seus próprios mapas latino-americanos, a partir de um contorno desde o México até o fim do continente americano. Nessa parte da atividade, pudemos encontrar até agora muita originalidade na maneira de estruturar visões sobre a região. Um participante de Cartagena (Chile) também desenhou os Estados Unidos e o Canadá no mapa, porque, para ele, essas regiões também têm um resgate a ser feito, que é antes americano do que latino. Em Bogotá, um participante recortou todos os países e os colou separadamente,

BIBLIOGRAFIA
CANCLINI, Nestor García. Latino-americanos à procura de um lugar neste século/ Nestor García Canclini; tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008. ISBN 978-85-7321-285-3

MEHL, Larissa. Definiciones de los talleres de LatinoAmérica Desde Adentro.

PSICODELIA NORDESTINA

Por Jade Alcântara Lôbo
com colaboração de Cristiano Bastos

Os anos de 60 - 70 foram marcantes no mundo todo por diversas manifestações sociais e culturais. O Brasil vivia a ditadura militar que desde 64 iniciou um forte período de repressão social e política, várias obras literárias e musicais foram censuradas além dos diversos casos de agressão, tortura e sumiço de pessoas. Esse período acabou por refletir num processo de questionamento por parte da população, um certo nacionalismo rebelde que procurava enaltecer a figura do negro, índio e campesino, aqueles que não foram influenciados/marginalizados pela urbanização capitalista através de inúmeros movimentos sociais para a formação de uma cultura nacional-popular.

Muitos desses movimentos foram impulsionados pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) que acreditava que o país estava em grande vínculo com um sistema capitalista sendo peão do imperialismo das potências. Essa cadeia de exploração deveria ser rompida pela cultura e arte através do processo de conscientização e resgate cultural que culminaria na ditadura do proletariado e na formação da cultura do povo brasileiro (Santos, 2009). Essas ideias foram apoiadas por outros partidos de esquerda e intelectuais da época formando uma convergência artística revolucionária.

Vale ressaltar que a agitação global desse período se deve em grande parte ao processo de urbanização, aumento da classe média, acesso ao ensino superior, avanço tecnológico e conservadorismo político em todo mundo. As ações de contracultura da época procuravam alinhar política e cultura do dia-a-dia através do fortalecimento da imaginação, dando origem a movimentos libertários torneadas pelas noções da ética da revolta e da revolução

(desobediência civil) e de novas doutrinas revolucionárias de negação da sociedade de consumo, da crise no sistema educacional e político (conservador) que culminaram numa ânsia por liberdade pessoal e coletiva responsável pelo surgimento de diversos movimentos pelos direitos civis (Ridenti, 2012).

Foi uma época de verdadeiro enaltecimento do popular na tentativa de fugir da sociedade capitalista opressora e consumista. Um dos eventos ícones desse período foi o Festival de Woodstock, no Estado de Nova York, um encontro marcado pelo lema da música, paz e amor. No Brasil, à 200 metros de Recife no município do Brejo da Madre Deus, no teatro ao ar livre de Nova Jerusalém, ocorreu "uma espécie de Woodstock cabra da peste"¹ como anunciou o jornalista Celso Marconi no *Jornal do Comercio*, a I Feira Experimental de Música de Nova Jerusalém evento marco para a Psicodelia Nordestina, também chamado de "udigrudi"². Esta experimentação musical se opunha a ideologia ditatorial, pregava a liberdade e era altamente subversivo- contra mercadológico. Suas músicas misturavam uma onda psicodélica de guitarras lisérgicas com ritmos nordestinos e qualidade lírica; além de procurar sair do eixo principal musical RJ/SP/MG do Brasil, criando uma forma de expressão independente e única nordestina.

Segundo Lailson, músico e cartunista Pernambucano "o que diferencia todo o movimento que aconteceu entre 1972/75 é que praticamente todos os artistas ou grupos envolvidos queriam apresentar um material próprio, pouco se importando em tocar em bailes ou fazer um som popularesco. Era a música pela música, a expressão criativa pelo prazer de criar e apresentar uma proposta original"³.

1 TELES, José. Do Frevo ao Manguebeat. São Paulo: Editora 34, 2000. p.150.

2 Termo utilizado primeiramente de maneira pejorativa para se referir ao cenário underground insurgente e que foi apropriado pelo mesmo.

3 Tirado de entrevista disponibilizada no site do músico:
http://www.lailson.com.br/Senhor%20F%20-%20A%20Revista%20do%20Rock_arquivos/lailson.htm



A I Feira Experimental de Música de Nova Jerusalém foi o evento de encontro de diversos artistas talentosos dessa mesma linha em 11 de novembro de 1972. O encontro possibilitou várias parcerias musicais e criação dos discos mais cultuados da psicodelia brasileira como Satwa de Lailson Cavalcanti e Lula Côrtes; Seu Waldir de Ave Sangria; Paêbirú - Caminho da montanha do sol de Lula Côrtes e Zé Ramalho. Este último é mais caro da discografia brasileira valendo mais de R\$4mil, repleto de histórias e lendas. É uma mistura de "elementos percussivos africanos e indígenas à 'Guitarreira elétrica & nervosa Dom Tronxo', ruídos ecoantes, onomatopéias e vocalizações psicodélicas [...] toques de berimbau, suspiros, e trompas marinhas ao miúdo e preciso ukulele, louvações à lemanjá e letras misteriosas" (Oliveira, 2011).

O álbum foi inspirado numa viagem de Lula e Zé em busca da Pedra de Ingá (85 km de João Pessoa, na Paraíba), um dos maiores sítios arqueológico de gravuras rupestre da América Latina, onde eles tiveram contato com os índios Cariris que acreditavam na existência de um caminho da costa brasileira do Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, Caminho do Sol que ia até Machu Picchu, chamado de Peabirú pelos habitantes. Esta obra pode ser pensada como uma das mais ricas manifestações que representam a grandiosidade da pluralidade da cultura brasileira, principalmente nordestina, digna de um documentário em 2011: *Nas Paredes da Pedra Encantada*, dirigido por Cristiano Bastos e Leonardo Bomfim.



Paêbirú - Caminho da montanha do Sol, lançado em 1975 por Lula Côrtes & Zé Ramalho, é tema do documentário *Nas paredes da pedra encantada*, é dirigido pelos jornalistas Cristiano Bastos e Leonardo Bomfim, o longa-metragem investiga esse disco mítico, cuja trajetória é repleta lendas e causos.

Link para assistir o documentário:
<https://www.youtube.com/watch?v=5eQM6mIEJIA&feature=share>



Em 2009, o repórter gaúcho Cristiano Bastos estava em Recife para a apuração de uma matéria (Leia na íntegra: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/24/agreste-psicodelico>) e aproveitou o tempo na cidade para investigar a história por trás do cultuado LP. A reportagem ganhou corpo e a realização de um documentário se tornou inevitável. Bastos e Bomfim passaram um mês entre Pernambuco e Paraíba filmando entrevistas com os principais envolvidos com o disco. Zé Ramalho, que sempre evitou o assunto Paêbirú, não falou com o filme, mas liberou os direitos de uso das músicas para a trilha sonora.

A ausência de um dos protagonistas da história não empobrece a narrativa do documentário. E isso se deve principalmente à presença de Lulas Côrtes, figura de carisma magnético que prende a atenção do espectador assim que surge em cena. Poeta, designer, ilustrador, pintor, músico, compositor e cantor, Lula morreu em março de 2011, de câncer na garganta, poucos dias antes da estreia do filme.

Em clima de road movie, o documentário leva o multiartista de volta à Pedra do Ingá, sítio arqueológico localizado em Ingá do Bacamarte (PB), repleto de misteriosas inscrições rupestres. As histórias que rondam o local fizeram a cabeça de Lula e Zé, que criaram para as músicas novos mitos em cima dos mitos do Ingá. De uma sonoridade psicodélica bastante própria (com o uso de instrumentos e ritmos regionais), Paêbirú se tornou ainda mais lendário pelo fato de parte de sua tiragem original ter sido destruída numa cheia que devastou o depósito da fábrica de discos.

Entre as lembranças de Lula e as histórias de figuras diversas da cena 'udigrudi' nordestina, como Lailson de Holanda, Alceu Valença e Kátia Mesel, o filme investiga, não só a riqueza musical de Paêbirú mas também o imaginário do interior da Paraíba e o momento psicodélico dos anos 1970 na ponte entre Recife e João Pessoa".



Leia a seguir a primeira entrevista que Cristiano Bastos fez com Lula Côrtes para o documentário.

Cuidado com os Tubarões! Por Cristiano Bastos

Qual importância de Paêbirú pra música brasileira?

Lula Côrtes - Na época em que foi feito, nenhuma. Mesmo após o lançamento, a recepção foi fria. As pessoas não estavam preparadas pro espírito do disco. Paêbirú é um disco de "hoje", na verdade.

Os efeitos do disco foram feitos como?

Côrtes - Se costuma pensar por aí, que a maioria dos efeitos são eletrônicos, quando são, na realidade, painéis com água, pios de caça, vozes humanas, chocalhos de cabra. A introdução que antecede o saxofone de "Segredo de Sumé" é uma corneta de vender picolé. Louco, né?!

O que descobriram de mais preciso fazendo Paêbirú?

Côrtes - A amizade e, depois, harmonia pra continuarmos trabalhando em vários álbuns. Cada qual, após Paêbirú, seguiu seu caminho: Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, Lailson, Zé da Flauta e Jarbas Maris.

Quais bandas vocês ouviam?

Côrtes - It's a Beautiful Day, Crosby, Stills and Nash, Tyrannosaurus Rex, Neil Young, Captain Beefheart, Grand Funk Railroad, e mais uma penca de coisas...

Alguma obra serviu de modelo pras "loucuras" do grupo?

Côrtes - Os discos que mais influenciaram foram os temáticos: Viagem ao Centro da Terra, Ozzy Bizza, Frank Zappa & Mothers of Invention. Dos brasileiros, basicamente Mutantes. Foi Duprat que abriu nossas cabeças.

Que tipo de energia tem na Pedra do Ingá?

Côrtes - A energia do mistério, do lendário que ficou no inconsciente coletivo e gerou muitas lendas "mal-assombradas"... Ainda hoje procuro outras formas de energia no local.



O que há de mais revelador em toda essa história?

Côrtes - Às vezes, se está num lugar tão raro, em beleza e mística, que nem nos damos conta. No som, a fusão do folclore com a abordagem livre, vanguardistas e psicodélica que tivemos.

Depois de Paêbirú, quais caminhos seguiu na música?

Côrtes - O caminho do RPB: Rock Popular Brasileiro. Já trabalho com a banda Má Companhia, de Recife, há 17 anos.

E hoje?

Côrtes - Hoje sou um eterno futucador de coisas, um factótum.

Fontes:

Imagens retiradas do Filme *Nas Paredes da Pedra Encantada*.

A Era Psicodélica Nordestina. *Mosaico Cultural*. Disponível em: <<https://mosaicocultural.wordpress.com/2015/05/02/a-era-da-psicodelia-nordestina/>>. Acesso em 30/05/2016.

A Psicodelia Nordestina. *Chica Chica*. Disponível em: <<http://chicachicabum.com.br/blog/2012/06/a-psicodelia-nordestina/>>. Acesso em 30/05/2016.

No Coração da Psicodelia Nordestina. Disponível em: <http://www.lailson.com.br/Senhor%20F%20-%20A%20Revista%20do%20Rock_arquivos/lailson.htm>. Acesso em 30/05/2016.

OLIVEIRA, Guilherme Menezes Cobelo e. *Udigrudi e Contracultura em Recife (1972- 1976)*. Monografia - Universidade de Brasília Instituto de Ciências Humanas Departamento em História. Fevereiro, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2089/1/2011_GuilhermeMenezesCobeloOliveira.pdf> Acesso em: em 16/06/2017

O Woodstock Nordestino. *Tok de História*. Disponível em: <<https://tokdehistoria.com.br/tag/woodstock-cabra-da-pest/>>. Acesso em 30/05/2016.

RIDENTI, Marcelo. *Cultura e Política: os anos 1960 -1970 e sua herança*. *Jornalismo UEL*. 2012. Disponível em: <<http://jornalnoturnoel2012.blogspot.com.br/2012/10/cultura-e-politica-os-anos-1960-1970-e.html>>. Acesso em 30/05/2016.

SANTOS, Jordana de Souza. *O Papel dos Movimentos Sócio-Culturais nos "Anos de Chumbo"*. Revista online do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura. UNESP. 2009. Disponível em: <http://www.marília.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/6c_o_papel_dos_movimentos_culturais.pdf> Acesso em: 30/05/2016.

TELES, José. *Do Frevo ao Manguebeat*. São Paulo: Editora 34, 2000. p.150.

Autora: Jade Alcântara Lôbo | jadealobo@gmail.com



América Latina: um substantivo em

*Pedro Henrique Farina Soares

A construção da região intitulada América Latina vai além de apenas uma delimitação histórica e/ou geográfica, porque perpassa questões envolvendo o surgimento do próprio termo em busca de uma identidade. Por muito tempo, a América Latina foi construída e explorada por países europeus e por norte-americanos sem a devida atenção à diversidade de costumes dos povos originários da região, como os indígenas, os negros e os campesinos. A partir do ponto de vista europeu, a região foi estabelecendo-se como mera periferia a ser explorada por suas riquezas naturais, renegando o importante papel dos nativos na construção dos aspectos culturais.

No Brasil, assim como em outros países da região, há a ausência de uma ampla abordagem do tema e sobre o porquê de sermos intitulados e pertencentes a um espaço chamado América Latina. Essa lacuna acarreta inúmeros prejuízos de ordem estrutural e identitária, que podem ser facilmente observados nas atitudes políticas, econômicas e sociais da região. Não raramente, tenta-se aplicar experiências europeias que, levando em consideração a diversidade latino-americana, não tendem a dar certo, pois a realidade da América Latina é pouco ou nada parecida com a de seus antigos colonizadores.

A maioria dos países latino-americanos foi colonizada pela Espanha; enquanto o Brasil e as duas Guianas foram colonizados por Portugal, França e Holanda. Os colonizadores tinham como escopo apenas a exploração, utilizando-se de mão de obra escrava para lucrar. Por outro lado, a América do Norte - no que diz respeito aos EUA mais especificamente, que foram colonizados pela Grã-Bretanha - teve uma colonização de povoamento e de desenvolvimento do território por meio de mão de obra livre. A percepção desses dois tipos de colonização diz muito sobre como a América dividiu-se geográfica e culturalmente.

Os inúmeros povos indígenas que habitavam o território latino-americano, cada um com sua cultura agrícola, social e religiosa, foram aniquilados nesse processo de catequização e exploração por parte dos impérios europeus e norte-americano. Estima-se que, desde a época da conquista da América, mais de 80% da diversidade cultural, étnica e linguística dos nativos foi perdida.¹

O processo de independência na América começou com os EUA, ainda antes de 1800; e os demais movimentos ocorreram a partir de 1809. Apesar da independência legal, os resquícios exploratórios permaneceram na cultura dos países hoje conhecidos como

construção

latino-americanos. Além disso, outro inimigo surgiu no próprio continente: os norte-americanos. Após dois anos de guerra (1846 a 1848), em que o México saiu derrotado, 2,4 milhões de quilômetros quadrados do território mexicano foram cedidos aos EUA. Igualmente, durante aproximadamente 60 anos, os EUA mantiveram o controle político e econômico de Cuba, perdendo-o somente após ser derrotado pela Revolução Cubana, liderada por Fidel Castro. O processo imperialista continuou, portanto, mesmo após as independências das colônias; e isso pode ser constatado com a intervenção econômica e governamental das ditaduras militares mais recentes.

De 1954 até 1990, cerca de doze países latino-americanos sofreram com ditaduras militares financiadas e apoiadas pelos EUA no período da Guerra Fria. Os resquícios ainda podem ser sentidos na frágil estrutura política das democracias da região.

Desde 1990, momento em que o regime democrático nos países latino-americanos popularizou-se, ao menos 17 presidentes eleitos foram derrubados ou tiveram que renunciar ao mandato². O primeiro presidente deposto foi Jean Bertrand Aristide, no Haiti, em 1991. Depois, em 2004, o mesmo presidente também seria forçado a renunciar em virtude de uma grave crise social e econômica. A lista continua com o brasileiro Fernando Collor de Mello, primeiro presidente a renunciar após sofrer o chamado processo de impeachment. Guatemala, Peru, Argentina, Venezuela, Honduras, Bolívia e Equador também sofreram com renúncias e/ou deposições de presidentes eleitos, sendo que os dois últimos tiveram três presidentes depostos a partir de 1997. Fernando Lugo, presidente deposto do Paraguai, sofreu um processo de impeachment relâmpago, tendo menos de 17 horas para apresentar defesa, perante o Congresso Nacional, por cinco acusações pouco ou nada comprovadas³. Em 1999, o mesmo Paraguai já havia tido um presidente renunciante.

Estamos em 2017, e pouco parece ter mudado na região. O Brasil teve no último ano o seu segundo presidente eleito deposto, em menos de 25 anos. Desde a redemocratização em 1985, mais de 150 pedidos de impeachment foram apresentados ao Congresso Nacional⁴. Isso demonstra a banalidade das acusações e a ausência de apego democrático. A América Latina continua definindo politicamente, muito em virtude de conchavos econômicos que insistem em permanecer e invadir a esfera sociocultural dos povos latino-americanos. A exploração da região continua, pois a realidade insiste em não dar voz àqueles que, antes de serem explorados e praticamente dizimados, construíram o continente americano. São os índios, os negros e demais nativos que lutaram, e ainda lutam, herculeamente para manter seu espaço dentro daquilo que lhes foi imposto.

